

O QUE É PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL?

Josias Pereira¹
Vania Dal Pont²

No ano de 1997 eu era estudante do curso de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e fui convidado a fazer oficinas de vídeo com alunos da educação básica na comunidade da Maré, local onde iniciei o trabalho de produção de vídeo estudantil em escolas. Na época como não sabia lecionar, em conversa com os alunos e explicava o que era uma câmera de vídeo e o seu funcionamento técnico e os alunos depois podiam mexer na câmera que tínhamos, um aluno de cada vez. Não tinha ideia de que essa ação teria um crescimento tão grande ao longo desses anos, chegando ao ponto de hoje em 2022 os alunos terem total autonomia para produzir vídeo na escola cada um com o seu celular se desejar. Nesta trajetória, o esperado era capacitar o professor primeiro, pois assim o docente conheceria a parte teórica e prática de se produzir um vídeo de forma simples. O professor com o conhecimento poderia ser um multiplicador e trabalhar com seus alunos essa ação de produzir vídeo. O que me intrigava como pesquisador, era uma dúvida que diversos professores tinham em comum, que se relacionava a como justificar essa produção de vídeo como uma ação educacional?

Esse questionamento me acompanha desde o ano de 1998, quando iniciei de forma mais direta oficinas voltadas a produção de vídeo em escolas municipais e ONGs situadas no Rio de Janeiro. Para compreender essa ação comecei a participar e apresentar em Congressos de Educação que essa produção de vídeo poderia ser considerada como uma atividade que faz parte do processo educacional. Por apresentar este tema e ter sido reprimido e depreciado em vários congressos que participei, resolvi realizar uma especialização em psicologia para compreender como se processa o processo educacional dentro da academia. Sendo assim, a especialização que fiz em

¹ Professor Associado do curso de Cinema da Universidade Federal de Pelotas. Coordenador do Laboratório Acadêmico de Produção de vídeo estudantil.

² Doutoranda do curso de Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas.

psicologia ajudou a compreender como o ser humano aprendia, tive a oportunidade de conhecer autores como Piaget e Vygotsky, os quais relacionei com minha visão prática da produção de vídeo realizada dentro do espaço escolar.

Segundo Piaget podemos definir a inteligência como um ato, uma forma, onde o indivíduo realiza a sua adaptação ao meio e essa ação ocorre por meio de assimilação e acomodação.

Levando em conta, então, esta interação fundamental entre fatores internos e externos, toda conduta é uma assimilação do dado a esquemas anteriores (assimilação a esquemas hereditários em graus diversos de profundidade) e toda conduta é, ao mesmo tempo, acomodação destes esquemas a situação atual. Daí resulta que a teoria do desenvolvimento apela, necessariamente, para a noção de equilíbrio entre os fatores internos e externos ou, mais em geral, entre a assimilação e a acomodação (PIAGET, 2011, p.89).

Para o autor é importante que o ser humano encontre o seu equilíbrio entre esses fatores internos e externos. Neste caso podemos pensar que produzir um vídeo pode estar ligado a questão social e do debate entre os pares, com ênfase nas ações sociais, como defende Vygotsky (1979) que destaca que a linguagem é um dos principais instrumentos de representação simbólica e com ela a comunicação se efetiva. Vygotsky (1979) defendia a interação entre os pares e que a experiência dos alunos ajudaria a desenvolver novas habilidades cognitivas incentivada pelos trabalhos realizados em grupo. Assim eu pegava ações da área de psicologia e inseria na produção de vídeo estudantil.

Nestes estudos voltados a educação tive a alegria de conhecer o mestre Paulo Freire, que me acompanhou até o meu Pós-doutorado. Sempre li estes e outros autores voltados a educação e de certa maneira, busquei dialogar com os seus conhecimentos e com a produção de vídeo estudantil que eu realizava, na tentativa de compreender: Se produzir vídeos com os alunos é uma questão técnica ou uma questão acadêmica?

Não demorou muito para que a academia, inicialmente na pós-graduação, começasse a receber professores da Educação Básica que produziam vídeo com os seus alunos buscando compreender como essa atividade de produção de vídeo com os alunos poderia contribuir no processo educacional. Várias instituições de ensino como: Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Rio Grande, Universidade

Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Tocantins, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal Rio Grande do Sul, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Universidade Estadual Rio de Janeiro, Universidade Federal Rio Grande do Norte, atuam em diversas linhas inclusive diferentes da área educacional, indo desde a área da educação a área das exatas, atuaram dando os primeiros passos em pesquisas sobre a produção de vídeo estudantil, que chamo de PVE. Porém nem todas as instituições e pesquisas relacionadas a produção de vídeo estudantil, utilizam o termo PVE, assim, essa nomenclatura varia de acordo com a linha de pesquisa, sendo que os nomes mais usados são: produção de vídeo estudantil, cinema na educação, cinema na escola, fazendo cinema, letramento audiovisual e tecnologia audiovisual.

Uma outra questão que eu sempre ouvia era: Afinal de contas o que é produção de vídeos estudantis? É só me pegar uma câmera ou celular e fazer um vídeo?

Esse pensamento reduz a produção de vídeo estudantil a um desenvolvimento apenas técnico e despreza o seu potencial educacional. Em 2011 como docente da Universidade Federal de Pelotas, criei um grupo de pesquisa sobre produção de vídeos estudantil e muitos professores que participaram do grupo de pesquisa ao longo desses mais de dez anos sempre faziam a mesma pergunta: O que é a produção de vídeo estudantil e como é que podemos defini-la?

Tentando sanar estas dúvidas, senti necessidade de definir uma questão que para mim já está resolvida, porém percebi que deveria ter uma explicação mais aprofundada, para os diversos públicos e para os professores, sobre o que estamos chamando de produção de vídeo estudantil ou de modo simplificado PVE.

Chamamos de produção de vídeos estudantil, quando o professor e os seus alunos produzem um vídeo dentro do espaço educacional em conjunto, ou seja, não é um vídeo onde o aluno empunha o celular e sai fazendo gravações na escola, e da mesma forma, não é um vídeo em que o professor grava um conteúdo sozinho e mostra para os seus alunos. Não quero aqui chamar estas ações de produção de vídeo estudantil, pois o cinema e o audiovisual apresentam nomenclaturas distintas para elas. Procuro definir a produção de vídeos estudantil como uma atividade desenvolvida em conjunto pelo professor e seus alunos na escola. Isso não significa que o professor tem a primazia de fazer o vídeo, pelo contrário, significa que o professor irá estimular, convidar os

alunos a produzir um vídeo em conjunto com outros alunos, como se fosse um trabalho em grupo. Uma das principais características da PVE é justamente o trabalho dos alunos em grupo com a orientação e mediação do professor.

PVE E REALIDADE DO ALUNO: EXPERIÊNCIAS DO COTIDIANO

Entendido a definição da produção de vídeo estudantil, o próximo passo é o debate sobre o tema do vídeo, o que fazer? Que história os alunos vão apresentar? Sugiro que ao trabalhar com a PVE que o tema seja aberto, ou pode ser com um tema específico ligado a alguma disciplina ou conteúdo que o professor está trabalhando ao longo do semestre, o tema vai ser a base do roteiro. Percebo que a mudança parece muito sutil vídeo de tema livre ou tema ligado a disciplina, mas é algo que o docente deve escolher quando inicia o trabalho com a PVE. Defendo que é o professor dentro de um contexto pedagógico na sua sala de aula dialogando com os alunos e estimulando esses alunos a produzirem vídeo, que vai escolher qual a melhor ação. Esse estímulo do professor faz com que esses alunos se organizem em pequenos grupos dentro da sua sala de aula para produzir um vídeo, um produto audiovisual.

Os alunos após se dividirem em grupo geralmente tem que apresentar a ideia do roteiro, expor como esse roteiro pode ser feito e principalmente debater quem serão os atores. Para a PVE após o roteiro³ é importante os alunos apresentarem as ideias do roteiro, e essa apresentação e debate é uma das principais ações educacionais do produzir vídeo com os alunos. Percebe-se que toda a turma participará dessa realização, esta apresentação oral é importantíssima tem uma relação muito próxima da metodologia ativa (Storytelling⁴). Essa ação é importante, pois o professor com o seu conhecimento pode conversar com o aluno e mostrar que as vezes a ideia construída pelo grupo pode ser preconceituosa ou pode ir contra alguma ação constitucional. Geralmente, os próprios alunos interferem e comentam ações que eles não concordam por vários motivos, desde o ideológico ao preconceituoso com as minorias. Quando os

³ Roteiro não literário como o cinema e o audiovisual organizam, mas um roteiro simples com cara de redação, pois o importante é a história e com o avanço os alunos podem ir aprendendo o roteiro literário.

⁴ É a capacidade de oralmente se transmitir conteúdo e histórias de forma narrativa com base em palavras e recursos audiovisuais.

alunos apresentam as suas ideias e conversam entre si sobre o roteiro, nominamos de pitching.

Segundo Pereira e Garcia (2021) O roteiro do pitching é uma forma dos alunos apresentarem e debaterem a sua ideia antes da mesma ser escrita, já que segundo os autores o roteiro é a parte do audiovisual mais ligada a educação formal. E que a escrita geralmente tem uma velocidade e a criação outra, por isso sugerem que os alunos devem pensar na história e não escrever para dar ênfase a sua criatividade. Esse foi o pulo do gato para que professores e alunos possam criar juntos.

Na produção de vídeo estudantil a ação do roteiro do pitching é um momento de criação, de debate de ideias e de um grande processo educacional, pois dentro do que é apresentado e discutido, os próprios alunos percebem uma ação homofóbica, racista, gordofóbica, machista dentre outras formas de preconceito ou ridicularização dos corpos, eles identificam estas aversões pois muitos vivenciam na prática todas essas ações. Pereira e Matos (2017) apontam que os alunos cada vez mais querem falar da sua realidade social, ou seja, produzir vídeo também é um momento em que o aluno leva para a escola, a sua realidade e os seus sonhos.

Portanto, produzir vídeo é uma ação que permite a produção de vídeo é a criação de um signo semiótico, ou seja, utilizar a linguagem audiovisual para narrar uma história. A semiótica greimasiana apresenta o signo como uma ação ligada à sua realidade, assim, para o aluno criar um signo imagético, este deve existir de forma direta na sua mente, ou seja, o aluno é apresentado a um significante e ao ser apresentado a esse significante o aluno de forma direta e inconsciente cria o significado, que passa a ser o seu modo de conhecer o mundo. Assim, quando o aluno cria o seu vídeo usa como referência o seu significado internalizado durante a sua vida, usa como base a sua vida. Esses signos são socialmente apresentados a essa criança ao longo da sua socialização primária que para Berger e Luckmann (2006) é a responsável de forma direta para formar um indivíduo. Essa socialização é realizada com instrumentos ligados a emoção do sujeito/aluno durante a sua jornada de crescimento, sendo dividida em socialização primária e secundária.

A socialização primária surge quando a criança internaliza por meio da convivência com seus pais ações da vida e neste momento, surgem vários conceitos e

preconceitos que geralmente são advindos do seu grupo familiar. A socialização primária também se liga as religiões, que de certa forma fará parte de ações emocionais desses alunos. Quando o aluno chega na escola ele é apresentado a uma outra socialização que seria a socialização secundária, que são justamente ações externas a sua família e religião, ou seja, a socialização secundária é feita sem o elemento emoção, mas com o elemento de internalização de signos socialmente aceitos dentro destes espaços sociais, como os grupos da esquina, amigos da escola, amigos do clube, amigos da rua, amigos do futebol, amigos do desfile, dentre outros. A força da socialização primária é grande dentro do universo simbólico dos alunos.

São necessários graves choques no curso da vida para desintegrar a maciça realidade interiorizada na primeira infância. E preciso muito menos para destruir as realidades interiorizadas mais tarde. Além disso, é relativamente fácil anular a realidade das interações secundárias (BERGER, LUCKMANN, 2006, p.184).

Quando os alunos vão produzir um vídeo dentro da escola, que é a sua segunda socialização, ele traz muito do que aprendeu nos seus grupos da socialização primária e confronta o signo internalizado e os significados para o mesmo signo. Por este motivo, produzir um vídeo é uma forma de conhecer a realidade de forma direta ou indireta dos alunos. É assim que os alunos de forma inconsciente, apresentam algumas ações de preconceito, não que ele seja preconceituoso, mas que essa visão faz parte de sua socialização.

Como exemplo prático podemos pensar em um vídeo que conta a história de um assaltante. Geralmente quem será escolhido como o assaltante, o aluno branco da sala ou o aluno negro? Será que os alunos são preconceituosos se escolher o aluno negro? Ou o aluno está vivenciando um signo que ele internalizou vendo TV? No curta “Meu Primeiro Assalto”⁵ Figura 1, os alunos da escola municipal Barão do Rio Branco de São Leopoldo/ RS, inverteram essa ação, colocando uma menina branca como assaltante, e assim reverteram todas as ações e expectativas da representação



Curta: Meu primeiro Assalto. Disponível: https://youtu.be/cGziUEC_euQ. Acesso: 16 out. 2022.

social.

Figura1: Imagem do Curta: Meu Primeiro Assalto.
Fonte: Autor, 2022.

De modo inconsciente o aluno é apresentado as manchetes de jornais e de TV, e internaliza o que vê inconscientemente reproduzindo por exemplo na hora de escolher um assaltante para o seu curta. No Brasil existe uma segregação social e uma falta de investimento histórica em concertar os erros do passado, onde desde a Abolição da Escravatura os negros são perseguidos, apresentando uma alta taxa de mortalidade em função de várias questões sociais de discriminação. Os alunos convivem com manchetes diárias, seja na TV ou na internet e internalizam que na maioria dos presídios os assaltantes são negros.

Mais do que persistir, o fato é que o Atlas mostra que essa desigualdade racial se acentua ao longo da última década. Então, além de a gente ter, historicamente, negros mortos em função de homicídios, e essa taxa de mortalidade ser muito maior do que entre não negros, o fato é que a gente tem dois Brasil: o Brasil em que brancos, amarelos vivem e a taxa de homicídios é de 11 por grupo de 100 mil habitantes, e o Brasil em que negros habitam e a taxa é de 29 por 100 mil habitantes. Então, é essa distância brutal e isso vem se acentuando nos últimos anos. (ACAYABA, 2021, p2)

Colocar um aluno negro para ser o assaltante é reproduzir uma situação social, agora a professora pode discutir com os alunos porquê dessa necessidade, porque não poderia ser um aluno branco, porque não uma aluna branca? Esse debate é onde está o crescimento pedagógico do aluno, porque a produção de vídeo trabalha o currículo formal e o currículo oculto como defende Pereira e Dal Pont (2020). É justamente neste debate de qual aluno deve representar o personagem assaltante e as ações dos demais personagens que se percebe uma das ações pedagógicas do processo educacional da PVE.

Essa ação inconsciente de preconceito social foi analisada em 1940, pelos psicólogos americanos Kenneth Clark e sua esposa Mamie Phipps Clark. Os pesquisadores analisaram o impacto do preconceito social americano na vida de crianças conhecido como teste de boneca⁶. Nos Estados Unidos na década de 1930

⁶ Teste da boneca. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=JTZGijEXOJk>. Acesso: 16 out. 2022.
Revista Tecnologias na Educação – Ano 14 – Número/Vol.37 – Edição Temática XVIII -
tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

várias leis afetaram os afro-americanos, asiáticos e outros grupos raciais, pois exigiam que as escolas públicas e a maioria dos locais públicos (incluindo trens e ônibus) tivessem instalações separadas para brancos e negros, criando a segregação racial⁷.

No teste da boneca crianças na sua primeira infância apresentavam características de racistas mesmo sem a família ser racistas. No teste, as bonecas brancas e as bonecas negras eram apresentadas as crianças e elas tinham que determinar características das bonecas. O que chamou a atenção foi justamente o fato de as crianças brancas terem medo das bonecas negras e as crianças negras também terem medo das bonecas negras. Qual o motivo? Esse teste foi reproduzido por vários psicólogos ao longo dos últimos anos, apresentando o mesmo resultado, assim, de forma inconsciente nossos alunos internalizam esse preconceito pois é uma ação social, ou seja, um signo não verbal.

No curta metragem “Volta Que Deu Errado”⁸ Figura 2, produzido na Escola politécnica de saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz, os alunos da Educação Básica reescrevem como seria se Jesus voltasse a terra, e para atuar como ator principal na

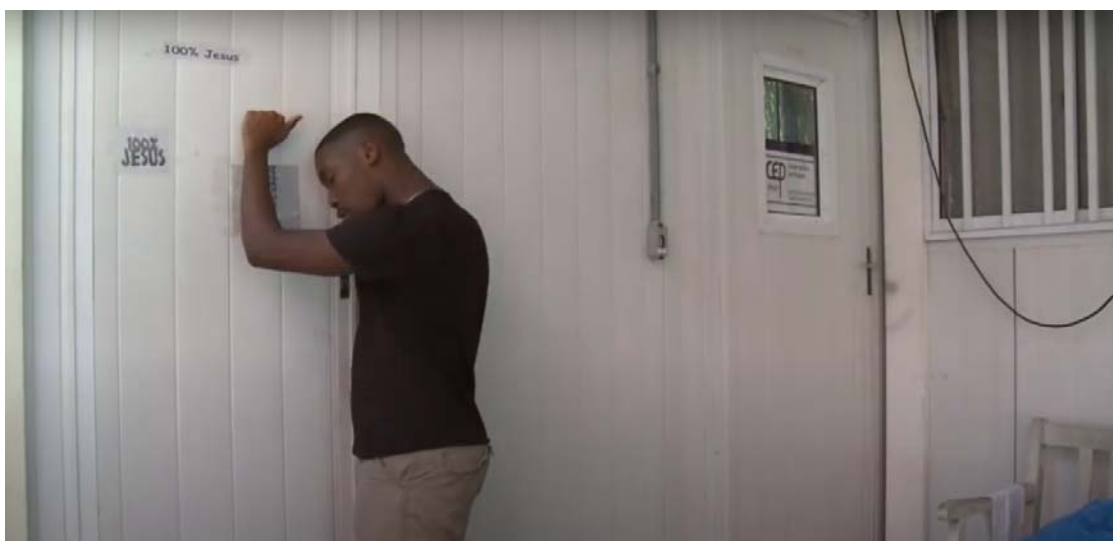


figura de Jesus, foi escolhido um aluno negro.

Figura 2: Imagem do Curta: Volta que deu errado.
Fonte: Autor, 2022.

⁷ Na década de 1930, foram decretadas as leis de Jim Crow nos Estados Unidos da América, que foram uma série de leis estaduais e locais decretadas nos estados sulistas nos Estados Unidos e entraram em vigor entre 1876 e 1965.

⁸ Curta: Volta que deu errado. Disponível: <https://youtu.be/Q3PT04n78OM>. Acesso: 16 out. 2022.

A produção de vídeo estudantil tem essa característica de forma indireta, os alunos estão trazendo para a escola um olhar diferenciado sobre a sua realidade social e interligada diretamente com todas as ações de conceitos e preconceitos que vivenciam no seu bairro, na sua família, no seu dia a dia. Por isso a produção de vídeo quando é feita com os alunos a mediação do professor passa a ser uma ação pedagógica porque esse aluno pode debater ações entre seus pares e professores.

A produção de vídeo como defende Pereira em sua tese (2014) e nos livros: “Como Fazer Vídeo Estudantil na Prática da Sala de Aula”⁹ (2018) e “A Produção de Vídeo Nas Escolas: Educar Com Prazer”¹⁰ (2012), a produção de vídeo realizada na escola vale pelo processo que o aluno faz e não pelo vídeo como produto, obra final. Após pronto o vídeo pode participar de festivais e ganhar prêmios, mas o mais importante é a sua questão educacional visto que estamos dentro de um sistema educacional.

Tecnicamente o aluno precisa apreender a utilizar os artefatos tecnológicos para gravar as cenas do vídeo, precisa ensaiar com os atores/alunos, precisa ver como vai ser a fala do personagem, a entonação de voz, organizar o set, pedir o espaço para gravação, entre outros. Para isso os alunos precisam pesquisar como se faz um enquadramento, pois a imagem é um signo imagético que é decodificado por alguém, todas essas questões são inconscientes.

Como signo imagético a escolha do enquadramento é algo sutil, mas importante, pois uma coisa é colocar um aluno parado com uma parede branca, outra coisa é colocar um aluno parado atrás de uma rua movimentada. O significado que a imagem tem para quem vai ver é sempre releitura do significado criado pelo aluno. Percebe-se que a produção de vídeo estudantil, não é apenas liberar o celular e as câmeras para os alunos gravarem um vídeo. A produção de vídeo estudantil realizada dentro da escola, deve obrigatoriamente apresentar uma pedagogia inclusiva e de debate entre os pares,

⁹ Como fazer Vídeo Estudantil na Prática de sala de aula. Disponível: <https://wp.ufpel.edu.br/gp2ve/files/2020/10/Como-Fazer-Video-Estudantil-kinder.pdf>. Acesso: 16 out. 2022.

¹⁰ A Produção de Vídeo Nas Escolas: Educar Com Prazer. Disponível: [https://wp.ufpel.edu.br/gp2ve/files/2022/08/Producao de Video nas Escolas Educar com.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gp2ve/files/2022/08/Producao%20de%20Video%20nas%20Escolas%20Educar%20com.pdf) Acesso: 16 out 2022.

podendo o professor realizar dentro de sua sala de aula como regente da mesma ou como um projeto com os alunos, no contraturno. O importante da PVE é o aprendizado do aluno. Independente de qual ação realizar, o importante é que o professor seja o responsável por mediar as ações entre os alunos para garantir a ação pedagógica do produzir vídeo.

Ainda existem muitos julgamentos sobre a produção de vídeo estudantil, muitas delas relacionadas ao início dos anos 2000, onde produzir vídeo era visto como uma questão meramente técnica e comercial. Porém, nossas pesquisas e levantamentos realizados em várias teses e dissertações, cursos de pós-graduação, congressos e grupo de estudos, tem mostrado que produzir vídeo dentro do espaço escolar é uma questão pedagógica, que está interligado a intencionalidade pedagógica que esse professor apresenta. O lado negativo dentro da produção de vídeo estudantil é que alguns professores ficam animados em ganhar prêmios com o vídeo dos seus alunos e outros professores que desejam que o seu trabalho em vídeo seja reconhecido, pois não tem apoio na escola. Muitos professores acabam por cobiçar prêmios dentro dos festivais e mostras de vídeo e acabam por fazer os vídeos de seus alunos, quando isso acontece, a produção de vídeo estudantil perde seu valor, e o professor vira um “professor papa prêmios”, expondo em suas redes sociais como um *alter ego* dele mesmo, querendo ser reconhecido como cineasta e não mais como professor, deixando de lado a atividade principal da PVE, que é a questão pedagógica dos alunos. Em nossas pesquisas, percebemos que muitos professores escrevem o roteiro e apresentam aos seus alunos para que estes atuem na gravação. Na visão da Metodologia PVE e do nosso grupo de pesquisa essa atitude não representa uma ação pedagógica, pelo contrário, é uma questão de ego educacional do professor, pois o aluno não participou da construção do roteiro. A PVE é justamente um espaço criado para dar voz ao aluno, para que se sinta a vontade para dizer o que deseja de modo direto, para uma escola, que as vezes parece distante da sua realidade.

O patrono da produção de vídeo estudantil é o nosso querido Paulo Freire, utilizamos várias concepções Freirianas na produção de vídeo estudantil, uma das principais é a educação bancária. Ao produzir um vídeo os professores e os alunos

abandonam a educação bancária e passam a interagir de forma diferente na escola, pois o objetivo é produzir uma obra audiovisual, um produto semiótico e linguístico.

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados das escolas (FREIRE, 2011, p.44-45).

A produção de vídeo é uma experiência informal que os alunos podem realizar com os seus professores dentro do espaço educacional. Defendemos que desde a escolha do tema e a realização do roteiro seja feito de forma diferenciada do processo educacional normalizado na escola. No roteiro do pitching como apresentado, os alunos são divididos e conversam em pequenos grupos e depois apresentam para o grupo maior as suas ideias, isto é, a todo momento o aluno está ativo organizando produzindo repensando criando esquemas mentais para produzir o vídeo que ele quer fazer.

Utilizamos também, outra ideia importante do querido mestre Paulo Freire que é o tema gerador. Neste conceito o aluno começa a pensar na sua realidade, que seria o tema gerador do roteiro, após analisar pensa na sociedade e o papel que ele ocupa dentro destas ações sociais.

Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se ensina e se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. (FREIRE. 2011, p. 30).

Todos os elementos são importantíssimos, como Freire nos ensinou é importante o professor ouvir os alunos, compreender um pouco da sua realidade e isso dentro da produção de um vídeo se caracteriza, pois o aluno transporta a sua realidade para a escola, mostrando a sua música, a sua casa, a sua rua, o seu bairro, sua família, fugindo totalmente da realidade da escola que apresenta livros com lugares diferentes da vivenciada por alunos de periferia.

Trabalhar com a produção de vídeo estudantil me permitiu muitas vezes ir até a casa dos alunos, vivenciar um pouco da sua realidade e conhecer as periferias. Caminhar nas vielas da comunidade, observar as casas uma do lado da outra, ver a realidade de famílias que se aglomeram morando em apenas dois cômodos de uma casa simples onde falta quase tudo. Talvez isso seja forte demais para alguns colegas de profissão, mas ao mesmo tempo é uma realidade das periferias do Brasil que nós professores devemos conhecer para compreender melhor nossos alunos. Para determinados gestores escolares, seria perfeito que os alunos retratassem em seus vídeos realidades de como é bom estudar, de como a escola é maravilhosa, porém a maior parte dos alunos produzem seus vídeos de acordo com a realidade vivenciada por eles, manifestando como é difícil viver, como é difícil estar numa sociedade que não lhe dá oportunidades, como é difícil viver o preconceito do dia a dia. Produzir vídeo é trabalhar diretamente com o sonho dos alunos e ao mesmo tempo deixar que eles apresentem o seu sonho para sociedade.

A PVE pode ser pensada como uma ação teórica e prática entre professores e alunos em um momento que estão dividindo conhecimentos, memórias, emoções e criando uma obra audiovisual que será vista por alunos da sua mesma faixa etária. A criação de signos por adultos para criança esbarra em um universo de significados e barreiras ideológicas filtradas pela realidade que esse docente vivencia. Agora os alunos têm esse filtro de forma mais simples e vivenciam os signos que estes alunos na mesma idade estão vivenciando. Por isso criamos o Cineclube Estudantil¹¹ e convidamos você leitor a conhecer este espaço que apresenta mais de 150 vídeos de alunos e professores da Educação Básica.

Os cineclubes podem ser criados nas escolas com a intenção dos alunos debaterem sobre o conteúdo de vídeos e filmes que assistirem, desta maneira, o vídeo teria uma “vida” no fazer (processo educacional) e uma “pós vida” no ver os vídeos, isso acontece quando os alunos assistem e depois discutem sobre as questões do tema e a “mensagem” que o filme apresenta. Por mais que os alunos comentam que não

¹¹Cineclube Estudantil. Disponível: <https://wp.ufpel.edu.br/cineclube/>. Acesso: 16 out. 2022.

querem passar nenhuma mensagem, todo o signo precisa ser decodificado e na sua criação é utilizados ações correntes dos signos vivenciados pelos alunos, por isso na sua releitura esses signos voltam como linguagem, ressignificando ações de forma direta ou indireta deste aluno e de sua realidade.

A PVE defende que o vídeo seja do aluno e o papel educacional do professor é justamente questionar o aluno dentro da produção de vídeo para que esta “produção” tenha uma ação pedagógica, não no vídeo como obra, mas nos processos de produção que o aluno percorre. Dentro da PVE, o fator mais importante é o que essa produção de vídeo estudantil despertou no aluno enquanto ação educacional.

Referência

ACAYABA, Cintia. **Negros têm mais do que o dobro de chance de serem assassinados no Brasil, diz Atlas; grupo representa 77% das vítimas de homicídio.** São Paulo, 2021. Disponível em [Negros têm mais do que o dobro de chance de serem assassinados no Brasil, diz Atlas; grupo representa 77% das vítimas de homicídio | São Paulo | G1 \(globo.com\)](#). acessado dia 14/10/2022

BERGER, P. L; LUCKAMANN, T. **A Construção Social da Realidade.** 26 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PEREIRA, Josias; JANHKE, Giovana. **A produção de vídeo nas escolas: educar com prazer.** Pelotas: UFPel, 2012.

PEREIRA, Josias; MATTOS, Daniela Pedra. **A Tecnologia Na Prática Pedagógica: Ações Docentes Que Se Distanciam..** Vi Congresso Brasileiro de Educação; 2017

PEREIRA, Josias; GARCIA, Cláudio. **Roteiro de Vídeo Estudantil na Prática.** Pelotas, RS: Rubra Cognitiva, 2018

PEREIRA, J. Dal Pont, Vânia. **Como Fazer Vídeo Estudantil na Prática da Sala de Aula.** Pelotas. Erdfilmes, 2018

PEREIRA, Josias; DAL PONT, Vânia. **Produção de Vídeo Estudantil e o Currículo Oculto. Revista Roquette-Pinto,** 3º ed., ano 2020. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/roquettetpinto/files/2021/06/PRODUCAO-DE-VIDEOESTUDANTIL-E-O-CURRICULO-OCULTO.pdf>. Acesso em: 05 out. 2021.

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. 3^a ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Lisboa, Antídoto, 1979.

Recebido em Outubro 2022

Aprovado em Dezembro 2022